

03-06-2022

## Aprendendo com os que morrem

**Ernani Costa Mendes**

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde. Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Definitivamente é um privilégio trabalhar com pessoas doentes que estão muito próximas da morte! É muito aprendido, como já nos ensinou Elizabeth Kluber Roos ([veja](#)) em seus trabalhos pioneiros com esses pacientes. Lembrando que a morte não é o lado oposto da vida, ao contrário, ela é seu *continuum*, o oposto da morte é o nascimento. Agora, por que comemoramos tanto o nascimento com festas, flashes, postagens nas redes sociais, etc. e choramos tanto a morte na cultura ocidental? Pelo que venho percebendo, no “frigor dos ovos”, é que ninguém quer morrer...

Certo dia, num plantão na enfermaria da unidade de cuidados paliativos que trabalho fui chamado para atender uma senhora, ansiosa pelo atendimento de fisioterapia, com uma legítima preocupação. Ela desejava começar rapidamente os exercícios de fortalecimento dos membros inferiores para voltar a andar logo e ter alta hospitalar. O desejo dela era voltar a frequentar a sua igreja, pois lá, na instituição religiosa, ela é uma “Canelinha de Fogo”. Eis que fui invadido por um ímpeto curioso para saber do que se tratava aquilo. Ela - buscando força do fundo do seu ser para sentar no leito, força essa minada por um câncer de cabeça de pâncreas com metástase para fígado, que a deixa com o corpo cansado, o olhar amarelado e as pernas e o abdome inchados - me explica com a maior serenidade e convicção do mundo...

Ela: *Você não sabe não, meu filho? Eu sou evangélica, e lá na minha igreja tem a dança do Reteté ([veja](#)) e eu sou uma das “Canelinhas de Fogo” que dança, canta e fala em línguas...*

Eu: *Nossa, que interessante, e como é isso?*

Ela: *Ué, é uma manifestação de fé, onde sirvo o meu Senhor! Sou mediadora do Espírito Santo, você sabe, né? Por isso é que eu tenho que ficar boa logo das pernas para voltar para igreja, para minha missão...*

Eu: *Sim eu entendo, estou aqui para te ajudar.*

O incurável não é, jamais, sinônimo do não cuidável!

Aquela senhora tinha impedimento em seu corpo físico que a prendia na cama, mas seu espírito a incomodava para que voltasse a dançar na roda do Reteté. Claro que eu gostaria de falar e pontuar para ela todo o desserviço que o neopentecostalismo vem fazendo para o Brasil e para o mundo, principalmente no que tange ao avivamento do racismo pela vertente da intolerância religiosa, e de como a extrema direita tem usado a igreja para engrossar as suas fileiras neofascistas. Mas, será que meu discurso demoveria a sua fé? Sabendo que a fé, para esses pacientes, é o último recurso, a última bala na agulha que eles têm para barganhar a manutenção de suas vidas... E eu, com o dever moral de cuidar, estava entre a vontade imensa de viver de um ser e o ciclo natural de impermanência da vida – que é o morrer.

Uma coisa que aprendi .... o fim da vida pode ser muito doloroso, muito sofrido se não for pensado por nós como a única certeza que temos na vida. Temos que parar de desnaturalizar a morte, achando que ela nunca chegará! Passamos a vida toda achando que somos juízes, médicos, professores, escritores, etc. etc. Porém, somente quando somos acometidos por algo que ameace as nossas vidas, ou quando estamos no fim delas, caímos na real e lembramos que somos pessoas simples, limitadas, percebíveis e que deveríamos dedicar mais tempo para sermos felizes ou pelo menos contempladores das conquistas... Quando cai a ficha, descobrimos que temos pouco tempo para o nosso autoconhecimento e realizações. A vida é hoje! Nos cuidados paliativos buscamos ressignificar os sentidos da vida das pessoas, ornamentando o hoje, adornando o agora, enfeitando as horas do dia que poderá ser o último... .. Outra coisa que me chama atenção na lida com esses pacientes, antes da resignação, é a relação de revolta e ódio que eles travam com o câncer. O câncer é elevado à estatura de uma entidade, um ser. Ele (o câncer) vira um alienígena, autoritário, egoísta, malvado, estranho, intrometido, uma coisa, e o mais curioso é quando o câncer é predicado como uma doença ingrata. Tenho perguntado aos pacientes e a alguns cuidadores/familiares porque o câncer seria ingrato? Me parece que o câncer corta ou interdita o pacto de gratidão que as pessoas fazem na vida, com a vida ou pela vida. Eles predicam o câncer como ingrato porque ele os impede de realizar tantas outras coisas na vida...

Mas, isso não seria ingratidão, seria frustração de expectativas!

Fico imaginando: será que o câncer seria ingrato com a pessoa em relação ao pacto interno que ela fez ou inconscientemente programou para o seu projeto de futuro? Não sei, confesso que o predicado ingratidão dado ao câncer me provoca muito.

Outra coisa que aprendi: o câncer avançado pode ser muito desumanizante para as pessoas quando expõe suas dignidades.

Por que ficar tão exposto quando se está gravemente doente?

Por que sofreremos tantos baques, temos tantos não, tantas perdas, tantas renúncias, tantas dores? Num choro compulsivo de uma paciente jovem com um câncer avançado de útero, ela clamava!

*Por que ele está fazendo isso comigo, logo agora que eu precisava tanto do seu apoio?* (o marido que a mandava ir embora da casa dele). Noutro choro, uma idosa se perguntava: *eu não entendo o porquê minha única filha fez isso comigo, me colocar nesse asilo no momento mais difícil da minha vida?* Os casos narrados nos lembram ingratidão. Mas a ingratidão seria das pessoas amadas que, no fim da vida, não prestam o apoio nem devolvem o amor depositados nas relações? Enfim, a lição mais contundente que aprendi é que o câncer revela, mostra e escancara as relações humanas!

E aí, me pego perguntando, precisaríamos de uma doença para nos mostrar o quanto não são sadias as nossas relações???

**Sei lá, siga aprendendo e vivendo melhor com as lições desses persuasivos e autênticos professores de vida!**

■ ■ ■